ANGOLA • CABO VERDE • MOÇAMBIQUE • PORTUGAL

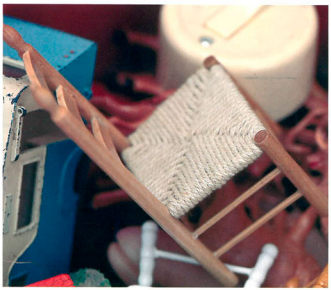
FEEL IT

REVISTA DE ELITE

N.º 3 DEZEMBRO 2011

Conduzir o novo Evoque é cativante. O crossover mantém a mítica herança todo-o-terreno da Range Rover, mas agarra o futuro

Surpreender



Contar histórias

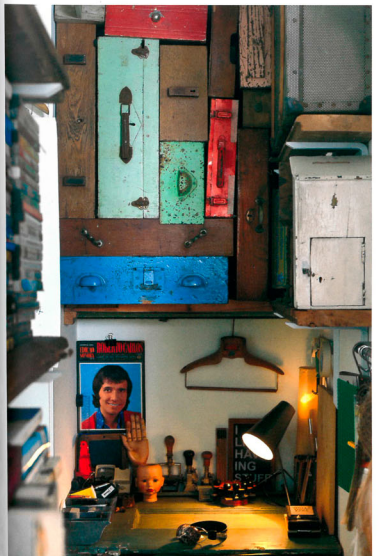
Arquitecta, *designer*, artista, curadora, Joana Astolfi ressuscita objectos. Bastou-lhe começar por ouvir o mar

Texto de Raquel Carrilho

A composição de peças de cozinha dos anos 50 e 60, organizada de forma milimétrica, sobressai no Cantinho do Avillez, no Chiado. 'A Conversa Ainda Não Chegou à Cozinha' foi uma encomenda do próprio *chef*. **«Numa reunião, ele explicou-me que o restaurante teria um ambiente *vintage* e lembrei-me de recuperar utensílios antigos»**, explica a autora Joana Astolfi. O resultado foi tão positivo que José Avillez logo a desafiou para intervir no novo Belcanto, também no Chiado. **«Desta vez terá a ver com livros e Fernando Pessoa»**.

As memórias e as histórias que os objectos contam marcam a identidade de todos os seus trabalhos, sejam instalações, reabilitações ou o *design*, como acontece com uma das suas peças mais emblemáticas, a 'iShells'. **«Cresci em Cascais e gostava de apanhar conchas e ouvir o mar. Muitos anos depois, vi uma criança a fazer o mesmo e deu-se o *click*: no meio desta turbulência toda do iPhone, iPod,** >

A Beleza do Erro



OU O
MALISMO.
OU OU O
RESSMATO.
11.06.03

FOTOGRAFIAS DE BELI VASCO

> iPad, por que não voltar à base e ouvir o mar?». Assim, criou uns ausculta-dores com búzios que estão hoje à venda, incluindo na *concept store* Colette, em Paris.

Filha de pai arquitecto e mãe galerista, Joana Astolfi cresceu rodeada de artistas. **«O meu pai é brasileiro e houve sempre movida lá em casa, churrascos e *bossa nova*. Eu andava ali no meio, sempre a desenhar»**. Aos quatro anos começou a fazer *workshops* de pintura e desenho e no final do liceu estava pronta para prosseguir Belas-Artes. Uma conversa com o pai, porém, trocou-lhe as voltas. **«Disse-me para fazer o que quisesse, mas que a Arquitectura me daria bases para a vida. Segui o conselho»**.

Terminado o curso na Universidade de Gales regressou a Portugal, mas depois de um ano no Porto a trabalhar como arquitecta partiu para Londres. Quando procurava casa, arranjou emprego. **«O agente imobiliário perguntou o que eu fazia, respondi-lhe e ele disse-me que estava a comprar espaços para remodelar. Mostrei-lhe logo o meu portefólio»**. Ficou um ano e meio a remodelar casas de luxo.

De férias em Portugal, estava longe de imaginar o quão acertada se viria a revelar a decisão de ficar. Em Lisboa, teve a oportunidade de mostrar o seu trabalho ao júri de selecção da Fabrica, a incubadora de talentos da Benetton. **«Quinze dias depois já estava a ser chamada para uma segunda fase»**. Esteve em Treviso a criar um conceito novo para as lojas Sisley e o projecto valeu-lhe ser a primeira portuguesa na Fabrica. **«Estive lá dois anos e foi muito intenso, 12 horas por dia a criar, com pessoas de todo o mundo»**. Chegou a coordenar a maior retrospectiva do escultor italiano Canova.

Quando olhou para o calendário tinha passado, no total, dez anos fora. **«Foi nesse momento que comecei a entender a minha linguagem. Porquê fragmentar-me? Sou artista, *designer*, arquitecta, curadora… Tudo isto se cruza»**.

Recuperou a loja dos Storytailors e coordenou a exposição 'Cem Anos da CUF' no Barreiro, montou a Associação Cultural de Arte Contemporânea – PuppenHaus, através da qual organizou a exposição 'A Beleza do Erro', com 30 artistas convidados. Em simultâneo foi criando o que já são considerados emblemas de carreira – o 'iShells' ou o 'Mirror, Mirror on the Wall'.

Reinterpretar é a palavra-chave. É a forma como encara a arte e o *design*. A vida. **«O que me interessa é pegar em objectos de várias escalas, desde casas, mobília, até miniaturas, coisas com história e contar a minha história por cima. Não me interessa só a estética»**.

Adora ir a mercados e alfarrabistas, recolhe listas telefónicas e álbuns de fotografias de pessoas que não conhece. São peças que ressuscita.

Por enquanto, Joana Astolfi quer ficar em Lisboa. E a partir daqui levar as suas histórias ao mundo.

Vai a mercados e alfarrabistas, recolhe listas telefónicas e álbuns de fotografias de pessoas que não conhece